



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CAMPUS DE SÃO JOÃO DOS PATOS  
CURSO DE LETRAS, LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA

**RAISSA DOS SANTOS GUIMARÃES**

**CORPOREIDADES NEGRO- FEMININAS:** Expressão da sexualidade em olhos d'água  
de Conceição Evaristo

São João dos Patos  
2025

**RAÍSSA DOS SANTOS GUIMARÃES**

**CORPOREIDADES NEGRO- FEMININAS:** Expressão da sexualidade em olhos d'água  
de Conceição Evaristo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras / Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de São João dos Patos, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador (a): Profa. Ma. Janaira Caroline da Silva Rodrigues

São João dos Patos  
2025

Guimarães, Raíssa dos Santos.

Corporeidades negro- femininas: a expressão da sexualidade em Olhos D'água de Conceição Evaristo. / Raíssa dos Santos Guimarães. – São João dos Patos, MA, 2025.

30 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus São João dos Patos, 2025.

Orientadora: Profa. Ma. Janaíra Caroline da Silva Rodrigues.

1. Escrivência. 2. Contista Evaristiana. 3. Corporeidade Negra Feminina. 4. Sexualidade. I.Título.

CDU: 316.346.2-055.2:82

## **RAISSA DOS SANTOS GUIMARÃES**

**CORPOREIDADES NEGRO- FEMININAS:** Representação da sexualidade em olhos d'água de Conceição Evaristo

Monografia apresentada ao Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para a obtenção do grau de licenciado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ma. Janaira Caroline da Silva Rodrigues

APROVADO EM: \_\_\_ / \_\_\_ /2025.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Ma. Janaira Caroline da Silva Rodrigues (Orientadora)**  
Mestra em Letras pela Universidade Federal do Piauí  
Universidade Estadual do Maranhão

---

**Prof. Dr. Lucas Anderson Neves de Melo**  
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
1º Examinador (a)

---

**Prof. Esp. Fábio dos Santos Vieira**  
Especialista em libras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
2º Examinador (a)

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa muito mais do que uma simples avaliação de conclusão de curso. Ele simboliza a realização de um sonho. Foram anos de esforço, dificuldades, renúncias, dúvidas e medos. Pelo caminho, floresceram muitas rosas, mas também surgiram espinhos que deixaram marcas, marcas que me transformaram, moldaram o meu caráter e fortaleceram minha fé. Hoje sou uma mulher mais temente a Deus e firme em minha caminhada espiritual.

Assim, em primeiro lugar, agradeço a Deus. A trajetória não foi fácil. Houve medos, angústias e uma saudade profunda de casa, que muitas vezes quase me fizeram desistir. Porém, mesmo entre lágrimas e incertezas, permaneci firme, sustentada pela certeza de que Deus estava comigo. Foi Ele quem me fortaleceu e me reergueu. Toda honra e glória sejam dadas a Ti, Senhor.

Agradeço com todo o meu coração à minha família: ao meu pai, à minha irmã e, de modo especial, à minha mãe, Dona Rosimar Lima (Rosa). Mulher forte, meu maior exemplo, fonte de força e coragem, meu abrigo e minha maior incentivadora. Mãe, sem você, este momento não seria possível. Obrigada por todo o amor, apoio e dedicação. Tudo o que sou, devo a você.

À minha orientadora, Mestra Janaíra Rodrigues, expresso minha sincera gratidão pelas valiosas contribuições e ensinamentos que tanto enriqueceram este trabalho. Sua orientação foi fundamental para que esta pesquisa ganhasse forma e profundidade.

Agradeço também a mim mesma, por não ter desistido quando o medo bateu à porta, por ter mantido a fé de que Deus estaria no controle de cada passo, e por acreditar que eu era capaz.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade. Recebam minha mais profunda gratidão.

Muito obrigada!

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 A sexualidade da mulher negra, breve histórico .....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 A representação da sexualidade negro-feminina na literatura .....</b>	<b>13</b>
<b>3 A ESCRIVIVÊNCIA: Um projeto político de escrita cujo protagonismo é das mulheres negras.....</b>	<b>18</b>
<b>4 A SEXUALIDADE NEGRO-FEMININA EM OLHOS DÁGUA: Uma análise de “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face” e “Luamanda”.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1 quantos filhos natalinos teve? .....</b>	<b>22</b>
<b>4.2 Beijo na face.....</b>	<b>24</b>
<b>4.3 Luamanda.....</b>	<b>26</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>

## RESUMO

A literatura Afro-Brasileira visando se afastar dos moldes eurocêntricos de perceber e retratar pessoas negras tem como objetivo resgatar a história, a memória e identidade dos povos negros afro-diaspóricos, que durante muito tempo foi esquecida e desconsiderada, enquanto contingente de formação do Brasil. Nesse contexto, a literatura Afro-Brasileira, cumpre com além do papel de valorização, impor muitas vezes também de denunciar as constantes práticas de violência e opressão contra a população negra. Assim, diversos autores tem alcançado o reconhecimento de suas produções e ganhado notoriedade nos últimos vinte anos no cenário nacional. Especificamente, a escritora Conceição Evaristo que traz na sua escrita escrevimente , reflexões sobre temáticas consideradas muitas vezes tabus, como a sexualidade, por exemplo e a violência contra a mulher negra, que abrange não somente a violência física, mas psicológica, a forma marginalizada que esta é vista perante a sociedade e os obstáculos que enfrenta devido a interseção entre raça, gênero e classe. O objetivo é analisar como a representação da sexualidade negro-feminina é construída em “Olhos d’Água”, a partir de três contos da coletânea “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face” e “Luamanda”. Este estudo se dará por questões relacionadas às variáveis, gênero, raça e classe, de modo demonstrar como elas se relacionam performam a identidade e sexualidade da mulher negra.

**Palavras-Chave:** Escrevivência; contista evaristiana; Corporeidades negro-femininas; Sexualidade.

## ABSTRACT

Afro-Brazilian literature, aiming to distance itself from Eurocentric models of perceiving and portraying Black people, seeks to recover the history, memory, and identity of Afro-diasporic Black peoples elements that have long been forgotten and disregarded as part of Brazil's formation. In this context, Afro-Brazilian literature not only serves to promote and value Black culture but also often assumes the role of denouncing the ongoing practices of violence and oppression against the Black population. As a result, various authors have gained recognition for their work and achieved national prominence over the past twenty years. Specifically, the writer Conceição Evaristo, through her concept of *escrevivência* (writing from lived experience), explores themes often considered taboo, such as sexuality and violence against Black women. Her work addresses not only physical violence but also psychological abuse, the marginalization of Black women in society, and the challenges they face due to the intersection of race, gender, and class. This study aims to analyze how the representation of Black female sexuality is constructed in *Olhos d'Água* through three short stories from the collection: "How Many Children Did Natalina Have?", "Kiss on the Cheek", and "Luamanda". The analysis will focus on issues related to gender, race, and class, in order to demonstrate how these elements intersect and shape the identity and sexuality of Black women.

**Keywords:** *Escrevivência*; Evaristian short story writer; Black female corporealities; Sexuality.

## 1 INTRODUÇÃO

A obra *Olhos d'água*, da autora Conceição Evaristo, foi publicada em 2014. Sendo uma coletânea de 15 contos, que possuem como base central as vivências de mulheres negras, em contexto de pobreza, violência e resistência feminina. Fazendo ainda menção ao etarismo, ancestralidade racismo e promovendo a quebra de tabus da sexualidade.

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De família humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense é Mestre em Literatura Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF). Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra do nosso país estreou na literatura em 1990.

Dona de uma voz potente e de uma escrita significativa, a autora ganhou reconhecimento merecido. A obra *Olhos d'água* pode ser considerada uma das mais importantes e necessárias da literatura afro-brasileira contemporânea por trazer em pauta questões de cunho social, raciais e de gênero que perpassam essa coletividade levando a reflexões pertinentes e atuais (Literafro, 2025).

Os contos que compõem a coletânea foram escritos sobre a perspectiva da chamada *escrevivência*, conceito criado pela própria autora, que resumidamente seria o gesto de escrita de mulheres negras através de suas próprias vivências, essas se apropriam em um gesto ancestral e de resistência, da potência e domínio de seus corpos, outrora usados para servir o homem branco, apropriam-se do instrumento de escrita, anteriormente marcado pelo poder falocêntrico (pena), sendo substituído pela caneta, como representação da possibilidade do acesso de mulheres negras ao campo do conhecimento institucionalizado e da escrita literária, pretendendo com isso ecoar a voz de todas as mulheres para acordar o homem branco de seus sonos injustos, se antes o corpo de mulheres negras era destinado a servir o senhor branco e sua família, em um gesto oposto mulheres negras resgatam o poder de si e usam suas vozes, através de sua escrita para denunciar as injustiças e mazelas impostas a pessoas negras, mas também para reivindicar para esses grupos um olhar mais humanizado e igualitário (Evaristo, 2017, s.p.).

Partindo do pressuposto de que ser mulher e negra num país tão desigual e patriarcal, ainda faz com que percebamos a mulher como objeto de inferioridade. A escrita de Conceição Evaristo pode ser considerada um projeto político e estético-literário, que visa

compreender e valorizar a experiência e a subjetividade da mulher negra no Brasil, tanto no contexto atual como baseando na ancestralidade. Seu trabalho busca romper a hegemonia da escrita branca e patriarcal ao centralizar vozes historicamente silenciadas, especialmente das mulheres negras das periferias brasileiras, que por muito tempo foram e são marginalizadas tanto na sociedade, como na literatura.

A escrevivência traz consigo o rompimento da escrita branca como escrita hegemônica, sendo uma escrita que não se resume apenas ao ficcional, mas que carrega consigo marcas da opressão, do racismo, sexismo, pobreza entre outros temas que atravessam as vivências da população negra e principalmente da mulher negra. Ao trazer à tona todos esses temas desafiadores, complexos, Conceição Evaristo desafia os padrões literários tradicionais e propõe novos caminhos abrindo espaço e construindo caminhos para expressão da voz de outras escritoras negras, silenciadas e escondidas na obscuridade da opressão, apresentando-as como protagonista das suas próprias experiências e detentoras de saberes e experiências ricas e válidas. Assim, Conceição Evaristo passa a ser uma escritora literária que em sua escrita crítica, significativa e humanizada, adentra a temas considerados tabus sociais, abrindo parênteses importantes à reconfiguração da representação seja na literatura, seja na sociedade.

O objetivo geral desse artigo é analisar como a representação da sexualidade negro-feminina é construída na obra *Olhos d'Água*, a partir da análise de três contos dessa coletânea: “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face” e “Luamanda”, evidenciando de que forma essa expressão rompe com os estereótipos históricos, propondo uma nova roupagem a identidade e a corporeidade feminina negra. Compreender o conceito de escrevivência como proposta estética e política de Conceição Evaristo; Investigar como a sexualidade da mulher negra é expressa nos contos selecionados; Identificar de que maneira as dimensões de raça, classe e gênero atravessam as personagens femininas. Refletir sobre a desconstrução de estereótipos em relação à corporeidade e subjetividade da mulher negra na literatura.

Este trabalho utiliza uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, baseada em leitura crítica e análise interpretativa dos três contos presentes na coletânea *Olhos d'Água*. A escolha dessa metodologia se justifica pela necessidade de compreender, a partir de uma perspectiva interseccional (gênero, raça e classe), como as experiências de mulheres negras são expressas literariamente por Conceição Evaristo. Assim, busca-se valorizar a subjetividade e a complexidade dessas vivências por meio da leitura atenta e crítica dos

contos selecionados, à luz do conceito de escrevivência e das contribuições teóricas de autoras negra como Sueli Carneiro, Grada Kilomba e Patricia Hill Collins.

## **2 VOZES TEÓRICAS: Subjetividade, resistência e corpo negro.**

A construção da identidade da mulher negra na sociedade brasileira perpassa por um longo processo de desumanização, apagamento e controle de seus corpos e desejos. Para compreender como a expressão da sexualidade negro-feminina é forjada na literatura de Conceição Evaristo, faz-se necessário revisitar os discursos históricos que moldaram o imaginário social sobre essa corporeidade.

Nesta seção, serão apresentadas vozes teóricas fundamentais para o entendimento da construção simbólica e social do corpo da mulher negra. A partir de autoras como Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Patricia Hill Collins, entre outras, busca-se compreender os atravessamentos de raça, gênero e classe como marcadores estruturais que afetam diretamente a forma como a mulher negra é percebida e, muitas vezes, reduzida nos discursos sociais e culturais, inclusive na literatura.

### **2.1 A sexualidade da mulher negra, breve histórico**

Vivemos numa sociedade opressora desde o período colonial e que tem impactos significativos até hoje. Um sistema discriminatório, que de modo geral já faz a objetificação da mulher, entretanto quando falamos do corpo negro feminino, os impactos advindos dessa construção social são ainda piores. Pois, a mulher negra, desde o período de escravidão está reduzida a subalternidade, servidão e a hipersexualização, onde o seu corpo passa a ser objeto insignificante, resumindo-se num objeto sexual descartável.

As mulheres de um modo geral até hoje lutam por espaços igualitários dentro da sociedade, sobretudo para as mulheres negras, esse processo foi bem mais desafiador e doloroso, ao considerar todos os pré-conceitos associados aos atravessamentos de raça, gênero e classe, para mulheres negras suas vivências são quase sempre marcadas pela resistência através da busca pela desconstrução da sexualização exacerbada.

A respeito da hipersexualização da mulher negra, Oliveira (2016, p. 3), diz que é “possível verificar muitos mitos que circundam seus corpos, vistos como licenciosos permissivos e sedutores”, aponta-se uma construção simbólica que faz a associação da mulher negra a natureza carnal e prazerosa. Essa visão distorcida e vendida até hoje, serve como justificativa aos abusos sexuais sofridos pelas mulheres negras, onde a violência sexual é vista não como violência, mas como desejo natural, realidade trazida da colonização e ainda vivenciada em pleno século XXI.

De acordo com Oliveira (2016), a lógica escravista reduz a mulher negra em duas vertentes: primeiro como meio de rentabilidade econômica e depois como um objeto sexual. Acerca disso, como afirma Oliveira.

Essas marcas foram carregadas ao longo de todo o processo histórico brasileiro, criando relações de poder e discursos que tem potencial para transformar o corpo negro em um espaço violável, explorável e dominável. As potências dominadoras e exploradoras que o corpo da mulher negra colonizada carrega são capazes de criar estratégias para se adaptar ao desejo do colonizador (Oliveira, 2016, p. 5).

Exemplo disso temos, Francisca da Silva Oliveira (1732-1796), conhecida como Chica da Silva, uma mulher negra escravizada que ganhou o direito à liberdade e logo casou-se com um português, sendo posteriormente reduzida a um objeto sexual. Por vezes, vista como uma mulher vaidosa que usava o próprio corpo para obter sucesso em seus interesses pessoais e políticos. Dentro desse contexto é que a história genuína da população negra é ofuscada e trazida para olhar do homem branco ocidental (Oliveira, 2016).

Nesse viés, sobre a hipersexualização da mulher negra, Conceição Evaristo (2014a, p. 143), aponta que Chica da Silva: “ora [...] é descrita como negra, ora como mulata clara, ora escura e mesmo morena, mas em todas impera o imaginário sobre a sexualidade exacerbada das pessoas negras, notadamente das mulheres”. Mesmo Chica da Silva tendo ganhado notoriedade, a seu modo, a sua notoriedade social e sua vida foram ligadas somente a atividades sexuais. Evaristo (2014a), diz ainda que a literatura brasileira é uma das maiores contribuintes para o fortalecimento da imagem hipersexualizada da mulher negra.

Historicamente, a tradição literária foi feita sob a ótica de autores masculinos e majoritariamente brancos e pertencentes às elites sociais. Nessa perspectiva, a mulher negra foi frequentemente retratada de maneira estereotipada, que associa sua existência somente ao corpo, desejo, trabalho ou servidão. Assim, acabou-se naturalizando, a objetificação da mulher negra, tanto na sociedade quanto na literatura.

Conceição Evaristo, em muitos dos seus textos denuncia como a literatura tradicional brasileira colabora para a perpetuação dessa visão. Ela aponta que a mulher negra, quando aparece no ficcional escrito por homens brancos, a produção segue os caminhos sexistas e machistas, objetificando o corpo feminino negro, retratando-o como a empregada submissa, a mulata sensual, desprovida de afeto e humanidade. Esses papéis são reflexos da realidade patriarcal de base eurocêntrica que foi e continua sendo reproduzida sem grandes questionamentos, ao longo do tempo. Tal representação alimenta não só o racismo ou sexismo

estrutural, como dificulta ou até mesmo impossibilita reconhecimento da história dessas mulheres.

Assim, não só as produções literárias, mas também as audiovisuais estruturadas no racismo e sexismo, não somente retratam essas narrativas produzidas por homens brancos, sem nenhum compromisso com a representação digna da mulher negra, como continuam construindo uma realidade com base em imagens distorcidas, que contribuíram significativamente para a hipersexualização, desumanização e silenciamento dessas mulheres.

Em diversas esferas sociais, corpo da mulher negra é “vendido” de maneira erotizada, marcada por um sistema opressor e escravocrata. Podemos reconhecer tal fenômeno, em programas televisivos, na internet, nas letras de música, entre tantos outros meios de comunicação. Para exemplificar este fenômeno traz-se um trecho que fala sobre a minissérie “Sexo e as negas”, afirmada pela autora Maia.

Fica evidente, ao longo dos 13 capítulos da minissérie, que boa parte dos estereótipos negativos acerca da mulher negra, seu corpo e sua sexualidade são reforçados. Primeiramente é possível pensar nos corpos negros que são evidenciados e aqueles que são ocultados, na sexualidade permitida e aquela que é apenas sugerida, mas nunca exposta (Maia, 2016, p.23).

É notória a perpetuação dos acontecimentos ocorridos no período colonial, os quais são reproduzidos até hoje, reforçando a imagem da mulher negra como uma opção e sob a vontade da própria, como se desejo sexual partisse dela mesma, generalizando algo que não é verídico, pois conhecemos o processo da escravidão no Brasil, onde mulheres negras eram exploradas sexualmente. segundo a autora Maia, ainda argumenta como a mulher negra que é retratada na minissérie.

A personagem Soraia, que incorporaria a “mulata fogosa”, tem vários parceiros ao longo da trama, mas nenhum permanente. O apelo sexual aparece mesmo nos locais de trabalho. Ela tem o corpo exposto com mais frequência que as demais personagens, sendo as cenas de sexo mais explícitas. Ela é a expressão de um dos estereótipos mais conhecidos, o da negra sensual. É possível apontar o fato de que o corpo da personagem em questão é exposto o tempo todo, não para ser um referencial de beleza, mas sim, por ser hipersexualizado (Maia, 2016, p. 23).

A hipersexualização da mulher negra é uma realidade, enraizada na sociedade, que de maneira discriminatória, racista, e opressora, reduz a existência feminina negra a esses estereótipos de hipersexualização. Assim, o Brasil caracterizando-se como um país que se baseia no sistema patriarcal e envolto pela manutenção de um sistema de preconceito racial, que desvaloriza a existência feminina negra e conseqüentemente coloca o seu corpo e sua

sexualidade em um campo de opressão, revelando a urgência de discussões constantes sobre essas questões.

Desse modo, esses estereótipos se tornam parte da construção da vida real dessas mulheres, trazendo as marcas coloniais, tendo efeitos frequentemente negativos e influenciando até hoje na maneira como são tratadas em todas as dimensões sociais, mas também em suas relações afetivas. Além disso, limitam suas possibilidades de expressão emocionais e de vivência plena da sua sexualidade, que frequentemente é negada.

Nesse cenário violento e opressor, a literatura surge como uma ferramenta importante e poderosa de ressignificação, um espaço para essas vozes que podem expressar as possibilidades de vivências negras para além dos padrões impostos. A literatura afro-brasileira contemporânea desafia as narrativas hegemônicas históricas. Autoras como: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro e Eliane Alves Cruz, contribuem para construção de uma visão mais humana e afetuosa, para mostrar também os novos espaços ocupados pelo corpo e a voz de mulheres negras. A literatura afro-brasileira, portanto, torna-se ponte para o enfrentamento dos discursos coloniais preconceituosos, ao humanizar suas histórias e seus corpos.

Repensar a historicidade da sexualidade feminina negra é necessário, pois graças à alteridade possibilitada pelo discurso literário pode-se transformar a ótica preconceituosa que ainda recai sobre ela, através da construção de uma visão crítica do contexto atual e reivindicando esse olhar mais justo e sensível. Abrindo espaço para a escuta, ressignificando os olhares para as questões que permeiam a negritude feminina, dentre elas a vivência da sexualidade. Criando um horizonte que pode ser viabilizada a mulher negra permitindo sua existência plural e subjetiva.

## **2.2 A representação da sexualidade negro-feminina na literatura**

A partir da leitura de Michel Foucault a sexualidade da mulher negra pode ser compreendida através de como o poder pode ser ponte de várias formas sobre a sexualidade e o corpo. Para Foucault, os corpos são excessivamente investidos por relações de poder e a sexualidade ainda é algo reprimido.

A ideia do sexo reprimido, portanto, não é somente objeto de teoria. A afirmação de uma sexualidade que nunca fora dominada com tanto rigor como na época da hipócrita burguesia negociadora e contabilizadora é acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo, a modificar sua economia no real, a subverter a lei que o rege, a mudar seu futuro. O enunciado da opressão e a forma da pregação referem-se mutuamente; reforçam-se reciprocamente. Dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de

repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril. Não seria somente contrariar uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os “interesses” discursivos que a sustentam (Foucault, 1998, p. 13).

Entender a relação da sexualidade e poder é compreender a ótica repressora sexual, que muitas vezes pode considerar o viés sexual como um tabu. A repressão sexual não é apenas teórica, mas social. Historicamente a construção de sexualidade da mulher negra foi marcada por processos de desumanização trazidos desde a colonização e escravidão. Na literatura canônica por muito tempo os corpos negros femininos foram representados sob a ótica colonial machista e racista que associava essas mulheres a hipersexualização e ao erotismo demasiado e também a marginalização social. Esses estigmas reverberam em nossos dias impactando tanto a construção de identidade quanto as representações sociais e as representações na literatura. Durante séculos, o corpo da mulher negra foi olhado como um território de dominação exploração e realização dos desejos do homem branco.

A sociedade brasileira construiu estereótipos sobre a mulher negra, que atravessa a cultura e conseqüentemente são refletidos na literatura. Criou-se então, a imagem erotizada da mulher negra, partindo das representações hipersexualizadas. Esse cenário é fruto do sistema de exploração colonial. Conforme observa Sueli Carneiro, a mulher negra foi apagada das narrativas como sujeito de sua própria história, sendo reduzida aos estigmas secundários erotizados, carregados de estereótipos.

Analisar as construções históricas da literatura, em especial os moldes da representação da mulher negra, é observar também as ramificações sociais que moldam as experiências dessas mulheres. Baseando-se nas construções sociais, patriarcais, machistas e hipersexualizadas, o campo literário estabelece preceitos à mulher negra. Sueli Carneiro afirma.

Se a historiografia pouco se deteve na história da construção do gênero, em especial na sua conjugação com raça, será na ficção que de maneira mais sistemática encarregar-se-á de estabelecer os atributos definidores do ser mulher e ser mulher negra em nossa sociedade (Carneiro, 2003, p. 170).

A literatura seria, portanto, os passos sociais, emoldurando as mulheres negras a modelos erroneamente idealizados. No que tange as representações da sexualidade negro-feminina, houve a perpetuação dos estereótipos hipersexualizados, uma vez que as escritas literárias eram produzidas por homens, sendo a imagem do corpo negro-feminino distorcidas e seus comportamentos erotizados. A lógica cultural designada a mulher negra nas sociedades e dentro da literatura, construída sob o viés da hipersexualização, onde o corpo negro é

frequentemente associado a imagem da mulher negra ferosa, mãe preta e a preta burra, num olhar reducionista, desvalorizando a mulher negra, negligenciando sua sexualidade. Essa ótica colonial e patriarcal, a dominação do homem branco foi legitimada e normalizada, tornando-se uma comum a dominação do corpo negro pelo homem branco.

Para legitimar a violência sexual sofrida pela mulher negra, tornou-se necessária a construção de narrativas discriminatórias contra ela, pelas quais se normaliza e valida a dominação sexual desses corpos, de forma violenta e suas vontades são negligenciadas, apagando toda e qualquer subjetividade. Assim, criou a imagem da mulher preta sensual, erotizada e provocativa, uma figura resumida ao prazer sexual e necessidade do homem branco (Carneiro, 2003). Baseando-se na ótica branca, a mulher negra representa o produto de domínio para o homem branco.

A leitura de vários exemplos da textualidade brasileira, literária ou não, aponta para uma percepção do corpo da mulher negra como este objeto do prazer sem culpa para os homens brancos, do prazer primitivo, prazer livre das amarras da tradição judaico-cristã no qual a mulher negra figura apenas como objeto de consumo e de satisfação do homem. Das africanas e afrodescendentes, as mulheres no Brasil foram assim representadas e assim “consumidas” por uma tradição patriarcal, sexista e racista (Souza, 2008, p. 105-106).

A escrita masculina, na sua grande maioria, expressa a imoralidade e permissividade, relacionados ao corpo negro, tendo seus comportamentos, construindo numa imagem de domínio, um corpo possuído de sexualidade veroz e perversa, tratado como um corpo produto e um corpo-objeto. Leda Maria Martins em “O feminino corpo da negrura”, fala sobre a relação de submissão e dominação das mulheres negras sobre a lógica racial e sexista.

[...] a mãe preta, perfil da generosa mãe-de-leite, sempre sorridente e amável, sempre alimentando e ninando a criança, empregada doméstica, uma espécie de bruta assexuada, de rosto indiferenciado, na função reificada de objeto do lar; e a insinuante mulata, corpo erotizado em excesso, objeto dos desejos “ocultos” do homem branco (Martins, 1996, p. 112).

Nessa perspectiva, é possível perceber que a ficção está atrelada aos valores sociais, e estes ainda estão ligados aos patriarcais, expressando a representação da sexualidade da mulher negra erotizada, que reduz a esfera carnal ou objeto de servidão. Deste modo, o corpo da mulher negra torna-se objeto de dominação e desejos.

O conceito da hipersexualização, não surge apenas como um termo estético, mas como uma estratégia histórica de controle dos corpos negros, na literatura produzida, em sua maioria por homens brancos, as personagens negras foram por muito tempo retratado como

um objeto sexual, reduzido ao desejo e ao domínio. Essa construção enraizada erroneamente, colabora diretamente para a manutenção de estereótipos que transcendem os campos literários e moldam as percepções sociais.

A sexualidade da mulher negra, portanto, foi historicamente sequestrada por discursos que a associaram à lascívia, à devassidão e ao erotismo exótico. Como lembra a pesquisadora brasileira Djamila Ribeiro no livro “O que é lugar de fala?” a negação da subjetividade da mulher negra é parte de um projeto colonial que objetificou seus corpos, negando-lhes o direito de construir suas próprias narrativas, inclusive sobre sua sexualidade (Ribeiro, 2017).

A literatura brasileira, durante séculos, reforçou esse imaginário. As personagens negras, quando existiam, estavam geralmente associadas a papéis de serviçais, mulatas hipersexualizadas ou figuras marginalizadas, cujas existências se resumiam à satisfação dos desejos alheios, quase sempre masculinos e brancos. Esse processo é descrito por Conceição Evaristo como representação, sugerindo em seu lugar o conceito de expressão, fazendo surgir a “escrevivência”, a partir da urgência de possibilitar que pessoas negras, principalmente intelectuais negras possam contar suas próprias histórias, trazendo suas experiências, suas dores, mas também elucidando suas alegrias, conquista, e sobretudo subjetividades como resistência.

Sabe-se que a literatura presente no cotidiano social, a mais vendida e aceita é, na sua maioria, aquela que vende a imagem da mulher negra como objeto, construindo sua imagem sob a ótica negativa. A imagem da mulher negra, dentro da literatura nacional, ainda é representada pelos estereótipos sexistas e racistas. Dentro dessa perspectiva, Sônia Maria Giacomini, afirma esse olhar estereotipado, desde o período de colonização, segue no contexto social atual, fazendo com que a imagem da mulher negra permaneça sob uma visão hipersexualizada (Giacomini, 2006).

Essa representação da mulher dentro da literatura hegemônica, desvaloriza, desqualifica e deslegitima a mulher negra, apagando sua importância dentro do contexto histórico. A representatividade da mulher negra dentro do campo literário, já é estigmatizado, mas quando consideramos a mulher negra, esse cenário é imensamente pior.

Construir espaços dentro da literatura tradicional hegemônica não é um caminho fácil de ser percorrido, exige força e resistência. É dentro dessa perspectiva, que encontramos autoras negras de vozes potentes e escritas significativas, como: a autora Conceição Evaristo, que possui um projeto político literário, a chamada escrevivência, que busca refletir suas próprias vivências e experiências das mulheres negras. Carolina Maria de Jesus, que se tornou

um sujeito dentro de suas construções literárias, retratando suas angústias, medos e fazendo denúncias. Assim, suas obras são consideradas um ato político.

Grada Kilomba aborda o racismo estrutural e cotidiano sofrido pelas mulheres negras, principalmente quando elas estão inseridas em contextos que não as “pertencem”. As mulheres negras, a partir de suas escritas, vêm construindo espaços e dentro do campo literário, reivindicando seus lugares e construindo novas representações sobre a mulher negra dentro da literatura (Kilomba, 2020).

Em sua obra “Olhos d’água” Evaristo constrói personagens negras para além dessas visões estereotipadas pela literatura brasileira clássica. Esse é o propósito de sua escrevivência, visto que um dos principais efeitos da colonização e escravização de pessoas negras foi propagar a percepção de não como seres humanos, mas animalizados ou demoníacos, o corpo negro foi destituído da sua complexidade e subjetividades, negando-lhe mesmo o direito a afetividade, isto é, a capacidade de vê-los com uma identidade densa como os demais seres humanos. Conseqüentemente dentre os muitos direitos negados a essa coletividade tem as questões relacionadas à sexualidade, algo que Conceição Evaristo trabalha de modo a romper com os estigmas do passado. Suas personagens não são prisioneiras de olhares externos. Elas reivindicam o direito ao desejo, ao amor, à expressão da dor e à liberdade. A sexualidade aqui deixa de ser um constructo aprisionado, um território de exploração e passa a ser um espaço de afirmação de existência.

A pesquisadora Patrícia Hill Collins, no livro “Pensamento feminista negro”, traz uma relevante reflexão ao destacar que a sexualidade da mulher negra foi construída, dentro da lógica colonial e escravocrata, como um marcador de opressão. Collins (2019), aponta que ao se realizar construções de representações negras nos mais diversos tipos de produções midiáticas, são comuns imagens como a da “Jezabel”, a mulher negra hipersexualizada, sedutora e sexualmente voraz ainda reverberam nessas representações midiáticas e literárias, reforçando a permanência de desigualdades e preconceitos em relação a esses corpos.

Dentro do cenário da literatura brasileira contemporânea, é experienciado o crescimento exponencial de escritores afro-brasileiros e que conduzem sua escrita literária pelas lentes da escrevivência, possibilitando assim, a construção de um contra discurso frente aqueles feito pela literatura brasileira canônica, esse por sua vez, traz uma nova ótica sobre a mulher negra, uma visão construída a partir da escrita humanizada de muitas escritoras que vêm a mulher pelo viés da subjetividade.

**3 A ESCREVIVÊNCIA:** Um projeto político de escrita cujo protagonismo é das mulheres negras

A literatura produzida por mulheres negras no Brasil, não é apenas um ato de criação estética, mas um projeto político que reflete a resistência contra um modelo que perdurou por muito, fazendo com que o cenário literário nacional refletido aqueles de sociedades de base patriarcal, mantivesse mulheres nessa posição de historicamente marginalizadas. Nesse contexto surge a *escrevivência*, conceito criado pela autora Conceição Evaristo, que propõe uma escrita comprometida com a vida, com a memória e experiências das mulheres negras. A *escrevivência* ultrapassa os limites da ficção e se torna um projeto político, em que o pessoal e o coletivo se entrelaçam para reivindicar espaço na história e na literatura.

Etimologicamente *escrevivência* surge da junção “escrever” e “vivências”, sendo apresentado pela Conceição Evaristo como uma forma de traduzir a escrita, a partir de suas experiências e da coletividade negra a qual pertence. A *escrevivência* segue caráter subversivo, uma escrita que denuncia as estruturas de opressão, ao mesmo tempo em que exalta subjetividades negras, sobretudo as femininas, que historicamente foram silenciadas.

A escrita como ato político, para além do estético, é a recusa ao apagamento, à invisibilidade e ao silenciamento impostos as mulheres negras no Brasil. Quando mulheres negras escrevem elas resgatam memórias ancestrais, que reafirmam suas identidades e rompem com estereótipos construídos historicamente. Como afirma Sueli Carneiro (2003), escrever para nós é um ato de insurgência contra os processos de epistemicídio que negaram nossas produções e nossos saberes. Dessa forma, a *escrevivência* se consolida como uma resposta o racismo estrutural e ao sexismo exacerbado, produzindo um tipo de conhecimento que parte da experiência, da oralidade e da representação da memória.

As mulheres negras foram reduzidas a subalternidade, encontraram na *escrevivência* um espaço de reconstrução de sua expressão, que agora passa a ser chamada de autorrepresentação. Esse protagonismo se expressa tanto na centralidade de suas vozes, que refletem suas vivências, como nos temas considerados tabus que fazem com que haja o rompimento de barreiras construídas através de pontes racistas e discriminatórias. Na literatura, a mulher negra, frequentemente, associada ao erotismo, desvalorização ou ao apagamento da sua subjetividade, perpetuando-se uma narrativa excludente. Como afirma Conceição Evaristo.

Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas. Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas personagens de “O Cortiço”, (1890) de Aluísio de Azevedo, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, Gabriela, Cravo e Canela (1958) de Jorge Amado, mulher natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais (Evaristo, 2005, p.53).

Existe diversas narrativas quem invisibilizam ou fazem a representação da mulher negra através de estereótipos, porém há um campo alternativo que busca desafiar e reconstruir tal representação. Através da escrita escreviente as mulheres negras podem assumir seu protagonismo, refletindo de maneira justa e humana sua representação.

Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (Evaristo, 2005, p.54).

Assim, podemos perceber uma linha literária que busca dar espaço a experiência das mulheres negras na escrita, refletindo um novo perfil literário. As mulheres negras, ao assumirem o papel de escritoras, tem a oportunidade de trazer novas perspectivas e vozes para literatura brasileira, uma vez que suas experiências pessoais e ancestrais possuem papel fundamental na construção de novas narrativas (Evaristo, 2005).

Na coleção Itaú escrevevivência, por exemplo, temos autoras que representam o movimento criado por Conceição Evaristo, como: Maria de Jesus, Elisa Lucinda e Cristiane Sobral que em suas obras fazem de espelho de suas experiências e reflexos das comunidades negras as quais pertencem. Conceição Evaristo, afirma que a voz da mulher negra, quando tomar a palavra, não é só uma questão estética, mas de resistência, de existência e de insistência (Evaristo, 2017).

O conceito de escrevevivência, se faz valer, tornando-se reflexo seguro da real expressão negra feminina, onde a mulher pode tomar para si seus preceitos, embasados nas suas experiências, através dos seus olhares subjetivos. Ele propõe a construção de um novo olhar sobre a expressão negra e suas entrelinhas, valorizando sua diversidade, subjetividade. Possuindo caráter político, essa nova linha literária aponta, para a importância da construção de novas narrativas que fujam dos estereótipos históricos acerca da mulher negra. Dessa forma, a escrevevivência, tem contribuído para a busca da valorização da cultura negra feminina. Essas narrativas, onde a mulher negra pode falar de si, ao mesmo tempo, incluir um

coletivo de experiências que tem sido fundamentais na promoção de resistência e empoderamento das pessoas negras (Evaristo, 2020; Machado, 2017).

O conceito cunhado por Conceição Evaristo, pode ser observado e validado sua relevância, enquanto projeto político na escrita de diversas autoras, como, por exemplo em Grada Kilomba.

[...] não concordo com o ponto de vista tradicional que o distanciamento emocional, social e político é sempre uma condição favorável para a pesquisa, melhor que o envolvimento mais pessoal. Ser uma pessoa “de dentro” produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em sujeitos (Kilomba, 2020, p.83).

A escrevivência permite que mulheres negras não sejam símbolos da representação histórica, que a associam à objetificação, mas sujeitos das suas próprias experiências. Isso rompe com a lógica colonial, que por séculos, escreveu sobre a corporeidade negra, a partir da escrita hegemônica, sob olhares de homens brancos, e eurocêntricos, muitas vezes, carregado de estereótipos hipersexualizados. Esse projeto político transforma uma realidade enraizada na história cultural do país, dando visibilidade a parte que foi historicamente ignorada e excluída.

A ferramenta escreviente também se ancora na memória coletiva. Fazendo com que as experiências pessoais sejam pontos de partida para narrar histórias que possam dialogar com o passado escravocrata, que faz parte do contexto histórico, com legados coloniais, mas com uma nova roupagem que retrate os desafios contemporâneos, de modo que a valorização da cultura negra seja exaltada e representada. Assim, partindo dos referenciais negros femininos e suas escrevivência, surge a possibilidade de uma expressão assertiva que fuja da visão racista, a fim de valorizar e preservar a subjetividade da mulher negra e de suas experiências e ancestralidades. “Uma das formas de exercer a autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” (Souza, 2021, p. 25).

A escrevivência, através da construção de identidades reais e subjetividade abrem caminhos para escrita literária hegemônica, partindo do viés contrário ao racismo, machismo e tantos outros conceitos opressivos. Como aponta, a autora Glória Anzaldúa.

Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites se minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia (Anzaldúa, 2000, p. 4).

A escrita escreviente se nutre das dores do silenciamento, sobretudo da resistência da mulher negra. Isso significa que a escrevivência não é apenas uma ferramenta literária, mas um instrumento político e existencial. Ao escrever sobre si há rompimento de estigmas e estereótipos, ressignificando suas identidades e subjetividades, como Glória Anzaldúa, afirma que escrever é um ato de resistência, além de tudo um exercício de sobrevivência.

Diante disso, compreender a importância da escrevivência e sua significação, é reconhecer a escrita além do campo ficcional e literário, mas o retrato do real. Através das palavras constrói-se pontes entre experiências das mulheres negras, suas memórias ancestrais e sua vontade de plena, dignidade e subjetividade. A escrevivência rompe o silêncio imposto e enraizado pelo racismo e machismo. Ela reafirma e legitima as vivências das mulheres negras e potencializa suas palavras. Ao transformar as narrativas discriminatórias e excludentes, a escrita escreviente revela-se como uma ferramenta de denúncia e reconstrução, e sobretudo de resistência.

Portanto, a escrevivência possui caráter político e social, abrindo espaço para que vozes silenciadas sejam não apenas ouvidas, mas respeitadas e exaltadas pelo valor que possuem. Afinal, como diz Conceição Evaristo que nossos textos carregam marcas de nossas experiências de nossas vivências e de histórias que nos antecedem escrever, neste sentido é um ato de resistência e valorização.

## 4 A SEXUALIDADE NEGRO-FEMININA EM OLHOS D'ÁGUA: Uma análise de “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face” e “Luamanda”

### 4.1 quantos filhos natalinos teve?

O Conto “*Quantos filhos Natalina teve*”, é o quinto conto na ordem de apresentação da Coletânea Olhos D’água, de Conceição Evaristo lançada em 2014. Escrito em uma narrativa em 3ª pessoa, que parece agenciar um enunciado coletivo, lembra da moça ou do que ouviu falar sobre ela, através de um jogo que faz recortes temporais em presente, passado e futuro, configurando um tempo psicológico e fragmentado. Esta narradora decide contar a história de Natalina atravessada por violência, abandono e exclusão.

O enredo inicia narrando Natalina já adulta com um filho em seu ventre, rememorando a trajetória das várias gestações pelas quais passou, Natalina morava em alguma região da periferia, o conto não faz referências geográficas diretas, o conto é imerso a uma ambientação de incertezas, a voz narrativa vez por outra apresenta os medos, angústias ou pensamentos da protagonista evaristiana. A jovem que precocemente iniciou a vida sexual e sem os devidos cuidados e informação, aos 14 anos de idade, acabou engravidando, sem maturidade para o acontecido, tenta o aborto através de chás de ervas e não conseguindo, conta a mãe, que decide levá-la a uma parteira, que por vezes também realizava procedimentos abortivos, a menina temendo o procedimento foge da cidade, entregando a primeira criança a uma enfermeira após o parto. Tempos depois mais crescida engravida de outro homem, no entanto apesar de gostar do modo que se relacionavam, Natalina não queria ter filhos e nem uma união estável com ninguém.

Quando acabou a falação e olhou para Tonho, o moço chorava e ria. Abraçou Natalina e repetia feliz que ia ter um filho. Que formariam uma família. Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho [...] voltou levando consigo o filho que Natalina não quis (Evaristo, 2014, p 48).

Após o parto entrega o filho para o pai da criança, que frustrado decide ir embora para sua terra levando seu filho. Algum tempo depois Natalina trabalhando como empregada doméstica tem desrespeitado o seu não desejo de ser mãe pelos patrões que fazem dela um depósito de gerar um filho que era desejado pelo casal, violentada sexualmente por seu patrão, a protagonista desenvolve uma gravidez difícil e posteriormente entrega o filho para o casal,

que depois a descarta como “depositária do filho alheio” (Evaristo, 2014, p. 51). Posteriormente a protagonista é sequestrada estuprada, em um ato de defesa mata o agressor mais descobre-se depois grávida, esta “semente invasora” (Evaristo, 2014, p. 52), gerada em seu ventre ela decide aceitar como filho.

Natalina é assim nessa construção narrativa, uma autorrepresentação de muitas mulheres negras, que em contexto de vulnerabilidade social são propensas ao início da atividade sexual precoce, abruptamente sendo obrigada a se tornar mulher e assumir responsabilidades, Natalina descobre o corpo como algo que lhe proporciona prazer, seu corpo é, no entanto, a representação simbólica de um espaço, violado e violentado de diversos modos, espaço este que só tem valor enquanto serve ao outro.

Nesse conto temos denúncia do olhar social sobre a mulher negra, como alguém invisível, necessária apenas para gerar filhos como no contexto escravagista, cujo papel da mulher negra era gerar mão de obra escrava e ser explorada sexualmente pelo senhor branco. Nesse conto inicialmente desejada para satisfação do outro, depois facilmente esquecida e abandonada, Natalina, tem a prática sexual como algo que lhe gera prazer. Mas não consegue enxergar que o outro reduz sua existência apenas a este fim, ela sequer tem liberdade de escolher não ter filhos, ainda assim os concebe em meio a relações sem afeto e marcada pela exploração e abandono.

A refração dos pensamentos da protagonista pela voz narrativa, constrói uma personagem que, apesar das violências enfrentadas possui a mesma inocência da menina de 14 anos que fugiu de casa, porque não queria ter um filho, alguém que apesar das brutalidades vividas, mostra-se perfeitamente humana e mesmo diante da dor e desrespeito consegue ser alguém afetuosa, decidindo dedicar o amor nunca antes recebido ao seu “filho semente”, ali gerado nos limites entre a vida e a morte. A personagem Natalina assim expressa a sexualidade marcada pela desigualdade, revelando a manutenção de poder entre gêneros que afetam as mulheres negras de forma mais ainda cruel.

É inegável que a literatura segue os passos do contexto social, retratando dentro do ficcional o real. Todavia, alguns escritores da literatura contemporânea, possuem e reproduzem uma visão mais humana, como aponta Schollhammer.

O que se encontramos, sim, nesses novos autores, é a vontade ou o projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira, frequentemente pelos pontos de vista marginais ou periféricos [...] Ora, discutindo um realismo que não se pretende mimético nem propriamente representativo, o problema ameaça tornar-se um paradoxo, uma vez que o compromisso representativo da literatura historicamente surge com a aparição do fenômeno realista [...] Diríamos, inicialmente, que o novo realismo se expressa pela vontade de relacionar a literatura e a arte com realidade

social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora (Schollhammer, 2009, p. 53-54).

Pode-se observar que a representação da vivência de Natalina, assemelha-se a de muitas mulheres brasileiras, principalmente as negras e pobres. Embora seja possível observar um avanço significativo sobre as discussões acerca das pautas feminismo negro, ainda há um longo caminho a ser percorrido, pois há muitas barreiras estruturais a serem quebradas.

#### **4.2 Beijo na face**

O conto “*Beijo na Face*” é o sexto conto da coletânea “Olhos D’água” de Conceição Evaristo. Narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente, o conto não deixa claro o tempo cronológico, mas a ambientação em um contexto familiar tradicional e opressor que faz referência a um tempo passado recente. O narrador conta a história de Salinda, acompanhada da violência física e psicológica, amor e desejo, a busca por liberdade e identidade.

“Beijo na face” narra a história dessa personagem, uma mulher negra, que viveu relacionamento abusivo, marcado por ameaças e um ciúme excessivo do marido. Depois de anos casada, vivendo em função dos filhos e do companheiro, Salinda descobre o amor por outra mulher, também negra. A história de Salinda se alterna sob o fio fino da corda bamba, ora ameaças e controles demasiados, ora desejos escondidos e um amor profundo.

O conto é marcado pelo contraste da violência sofrida no casamento, a leveza e suavidade do seu amor secreto, Salinda ver suas incertezas e desejos “à flor da pele”. Um amor genuíno, tranquilo, cheio de desejos, abrindo espaço para o encontro de si, “Sim, ali estava o vestígio de carinho. Algo tão tênue, como os restos de uma asa amarela, de uma borboleta menina, que foi atropelada nos primeiros instantes de voo” (Evaristo, 2014, p. 55).

A imagem da borboleta ameaçada nos remete a liberdade e fragilidade. Presa a um ambiente matrimonial violento, Salinda precisa estar sempre em alerta, buscando maneiras de seu amor secreto e extraconjugal, não seja descoberto. Salinda precisava embrutecer o corpo, os olhos, a voz. Estava sendo observada em todos os seus movimentos. A vigilância sobre os seus passos se pretendia, se possível, abarcar até seus pensamentos (Evaristo, 2014). O marido de Salinda, extremamente possessivo e na desconfiança que ela o traia, perseguia a esposa, monitorando cada passo dado por ela, até os filhos de Salinda tinham se tornado seus vigias.

Os eventos do conto são resgatados pelas lembranças da protagonista, enquanto espera o marido, após uma viagem a casa da tia Vandú. Depois de algumas horas de espera, o

marido liga e avisa estar na casa de sua mãe, deixando Salinda feliz e tranquila na sua solidão. Enquanto desfaz as malas, Salinda reconstrói seu casamento, nos lances de memória. Recorda-se de como o comportamento do marido a fez mal, se tornando cada vez pior e as ameaças mais graves, ao longo dos anos.

Aos poucos, as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a, adiando um rompimento definitivo com ele. Tinha medo, sentia-se acuada, embora às vezes pensasse que ele nunca faria nada, caso ela o deixasse de vez. Aprendera, desde então, certas artimanhas, sondava terreno, procurava saídas. Aos poucos, foi se fortalecendo, criando defesas, garantindo pelo menos o seu espaço íntimo (Evaristo, 2014, p. 57).

De acordo com Tânia Navarro Swain (2010), a naturalização de heterossexualidade constrói, o papel do feminino no dispositivo amoroso de modo que os excessos cometidos na relação heterossexual aparecem como “naturais”, e aí estão as raízes do perdão, da aceitação e do assujeitamento, a situações inenarráveis de abuso e violência física e psicológica. Ao longo de sua relação, Salinda fora perseguida e questionada sobre fatos passados. Durante o casamento ela se sujeita a viver sob constantes abusos e violências psicológicas, ameaças graves exercidas pelo marido, conforme acima, são tomadas como “naturais” na relação heterossexual (Swain, 2010).

A violência psicológica utiliza-se de intimidações e ameaças, estando relacionada a ações que objetificam, dominam ou constroem outra pessoa. A violência psicológica, especificamente aqui se dá nas relações de gênero, e está intimamente ligada a violência de gênero. Se as diferenças historicamente cultivadas de gênero, já resultam em números preocupantes de feminicídio e violência contra a mulher, tal cenário piora quando considera-se a variável racial e de orientação sexual.

As pesquisas e seus resultados apontam que as mulheres que mais sofrem com a violência no Brasil são as mulheres negras. Aqui regressamos aos estereótipos coloniais de servidão, subalternidade e desvalorização da mulher negra. De acordo com Carneiro (2003), as mulheres negras, além da violência física e sexual, enfrentando um outro problema, uma forma específica de violência “invisível”, que limita o campo afetivo dessas mulheres.

Em “Beijo na Face”, temos a presença da subjetividade feminina, mesmo atrelada ao contexto violento, à discriminação de gênero e raça, a desconstrução da visão hegemônica. É através do afeto e amor partilhado entre duas mulheres negras na busca de satisfazer uma à outra, que o corpo feminino é dignificado. Mais que isso, vai contra os estereótipos e normatizações de gênero (Butler, 2019).

Assim, este conto vai na contramão do olhar hegemônico, quebrando as fronteiras de gênero, raça e sexualidade negro feminina. Neste sentido, a escrevivência permite a mulher negra de vivenciar o prazer e amor, e sobretudo, de rever em si mesma merecimento e dignidade.

### 4.3 Luamanda

O conto “*Luamanda*” é o sétimo conto da coletânea “Olhos d’água”. Narrado em terceira pessoa, a autora Conceição Evaristo vai contra a ótica opressora sobre a sexualidade da mulher negra. A história é construída através de um olhar humano e subjetivo, cheia de ternura e autoconhecimento. “Lua, Luamanda, companheira, mulher” (Evaristo, 2014, p.63). Luamanda, através de sua subjetividade e amor próprio, reconhece seu corpo como objeto de prazer, e nessa vertente, o corpo como ponte de sua liberdade.

Uma personagem negra de personalidade forte, que carrega consigo uma secreta fonte da juventude que a faz parecer não acompanhar o tempo. A idade de Luamanda é um dos fortes aspectos de sua trajetória. O envelhecimento de seu corpo parece não acontecer da forma esperada, pode-se considerar tal fonte da juventude de Luamanda, nascida e mantida viva sempre, através de sua curiosidade de si mesma, da liberdade e do desejo que o seu corpo a faz sentir.

Nos lances de memória que contam sua história, Luamanda aparece como a menina/mulher, mãe, avó, amiga, companheira, mas antes de tudo mulher e dona de si. Durante seus aprendizados e vivências, Luamanda passa por questionamentos sobre si mesma. Dona de sua sexualidade, Luamanda via suas relações sexuais, uma completude e ao mesmo tempo um vazio. No entanto, houve quem a não entendesse, a sua busca por liberdade, e consequentemente não a respeitasse. Luamanda foi abusada por um homem, que deixou nela uma marca física, mas uma na alma. Em meio aos seus questionamentos sobre o acontecido, ela precisou se resguardar, precisou da paciência para encontrar respostas para suas diversas perguntas. Sobre a constante reconstrução do indivíduo, como afirma o teórico Stuart Hall, no livro “A identidade cultural na pós-modernidade”.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (Hall, 2006 p. 13).

Luamanda, como as fases da lua, mingua e renasce, renasceu diferente, com novas percepções, com a dor da violência sofrida, mas com a sua resignificação. Foi então que a fonte da juventude já não era seu traço mais forte, dando lugar as marcas do tempo. Como se sua trajetória tivesse passado por duas fases: a fonte da juventude e as marcas da idade. Em “Luamanda”, Conceição Evaristo cria uma personagem negra que é contrária os estereótipos sexistas e hegemônicos, rompendo os padrões sociais. Estereótipos estes, que reduzem a mulher aos estigmas sociais.

O conto “Luamanda”, pode ser considerado uma crítica social aos padrões tradicionalistas, a centralidade masculina, a descriminalização de gênero. Sobre a cultura falocêntrica, no livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade”, como afirma a teórica Judith Butler.

Diz-se que as mulheres “são” o Falo no sentido de manterem o poder de refletir ou representar a “realidade” das posturas auto-referidas do sujeito masculino, um poder que, se retirado, romperia as ilusões fundadoras da posição desse sujeito. Para “ser” o Falo, refletoras ou garantes da posição aparente do sujeito masculino, as mulheres têm de se tornar, têm de “ser” (no sentido de “posarem como se fossem”) precisamente o que os homens não são e, por sua própria falta, estabelecer a função essencial dos homens. Assim “ser” o Falo é sempre “ser para” um sujeito masculino que busca reconfirmar e aumentar sua identidade pelo reconhecimento dessa que “é para” (Butler, 2019, p. 76).

Em Luamanda, Conceição Evaristo, exalta a subjetividade da mulher negra, que rompe paradigmas, na busca da igualdade social e de gêneros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise dos contos propostos nesse estudo: “Quantos filhos Natalina teve?” “Luamanda”, e “Beijo na face”, torna-se patente reconhecer que a corporeidade da mulher negra carrega em si marcas profundas de uma historicidade violenta, construída sob a ótica hipersexualizada, onde o corpo negro feminino foi e infelizmente ainda é associado aos estigmas da subalternização e objetificação. Esse corpo reduzido ao caráter depreciativo pela colonialidade, desejo e exploração sexual, é sinônimo de força e resistência e reinventa-se através de sua voz subjetividade, memória e escrita.

Em “Quantos filha Natalina teve?”, Natalina assim representa a sexualidade marcada pela desigualdade, revelando a manutenção de poder entre gêneros que afetam as mulheres negras de forma mais ainda cruel. Em “Beijo na face”, a sexualidade é explorada não somente como um ato físico, mas na valorização da subjetividade da personagem na busca da sua liberdade entrelaçada com a liberdade de gênero. O conto explora o desejo e paixão. Em “Luamanda” temos representação da sexualidade negro-feminina ligada a desconstrução de estereótipos e padrões hegemônicos. “Luamanda” nos apresenta a sexualidade sob uma lente multifacetada.

Ao longo da história, a sexualidade da mulher negra foi marcada por narrativas desumanizadas que reforçam estereótipos que reverberam na sociedade contemporânea e infelizmente se expressam na literatura. Na contramão disso, surge a escrita de Conceição Evaristo, que rompe com a escrita hegemônica e suas estruturas opressoras, ao reivindicar sua subjetividade, sua liberdade fora dos moldes racistas e sexistas.

Por meio da escrevivência, projeto ético de escrita, que se embasa nas experiências reais das mulheres negras, Conceição Evaristo narra e sobretudo resgata a subjetividade desses corpos. Fazendo com que a escrita ultrapasse o campo literário e se torne uma instância de resistência e denúncia, por meio da valorização da cultura negra feminina. Portanto, pensar acerca da corporeidade negra feminina em “Olhos d’Água” através dos contos analisados é compreender que esses corpos não são apenas território de dominação e desvalorização, mas construção de memória e de novas histórias, reconhecendo que a escrita das mulheres negras é um ato político que confronta violências sofridas por elas, reivindicando seus espaços, onde a mulher não é objeto sexual, mas sujeito de sua história.

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a17.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2025.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: Racismo Contemporâneo. Rio de Janeiro: Takano, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Chica que manda ou a Mulher que inventou o mar?** Minas Gerais, 2014a. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/criticas/Artigoconceicao1chicaquemanda.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2025.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014b.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020. Disponível em: [https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod\\_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf](https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf). Acesso em: 22 mai. 2025.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/y7jj5jospbb4dlfqxk6jp7xk3y/access/wayback/http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2025.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GIACOMINI, Sônia Maria. **A alma da cor: branquitude e identidade na formação do campo da saúde coletiva no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- MAIA, Camila Pereira; SILVA, Roberto Jardim da. Sexo e as negas: empoderamento ou reforço dos estereótipos das mulheres negras na mídia. **Caderno de Gênero e Diversidade**, v. 2, n. 1, jan.-jul. 2016.

MARTINS, Leda. O feminino corpo da negrura. **Revista de Estudos de Literatura**, v. 4, p. 111-121, out. 1996. Disponível em:  
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17706>. Acesso em: 2 jun. 2025.

OLIVEIRA, Gabriela Almeida. **Mulheres negras: corpos em luta**. 2016. 25 f. Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em:  
<https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/9482/1/Gabriela%20Almeidade%20OliveiraTCCGradua%C3%A7%C3%A3o2016.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento; Pólen, 2017.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SOUZA, Florentina. **Raça e gênero na literatura brasileira**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, p. 103-112, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017. Disponível em:  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7427408>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SWAIN, Tânia Navarro. **Desfazendo o “natural”**: a heterossexualidade compulsória e o continuum lesbiano. Bagoas, n. 5, p. 45-55, 2010. Disponível em:  
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2310>. Acesso em: 5 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Literafro**: Miriam Alves – artigo Cristian. Disponível em:  
<https://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MiriamAlvesArtigoCristian.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2025.